# RLP 2026 MONTEVIDEO

**28 a 31 de outubro 2026**

## A ALMA DO ANALISTA ENTRE SUA PESSOA E SUA PRESENÇA

## Edgardo Feinsilber

Vamos deixar os céus

para os anjos e os passarinhos.

H. Heine em S. Freud: O Futuro de uma Ilusão

Em seu Seminário 11, "Os Fundamentos da Psicanálise" (15 de abril de 1964), Lacan afirmou que "…a presença do analista, mesmo no aspecto em que a vaidade de seu discurso se manifesta, deve ser incluída no conceito de inconsciente". Assim, o analista, com sua presença implicada em sua pessoa, faz parte do inconsciente, ainda que parte de sua vaidade seja uma crença excessiva em seu saber. Na Bíblia, o termo hebraico para vaidade: *hevel* palavra remete ao vazio, à transitoriedade, à fugacidade ou à falta de sentido. Mesmo em seu discurso, há um traço de falta de sentido, mas é necessário para dar conta de sua presença. Lembremos que o conceito de pessoa vem do grego antigo '*personare*', que se refere ao que está em jogo através da voz.

"Nós, psicanalistas de hoje, temos que levar essa escória em consideração em nossas práticas, assim como *caput mort*uum do descoberta do inconsciente." Escória pode ser uma impureza, um resíduo utilizável ou inutilizável, até mesmo um insulto.O *caput mortuum* a 'cabeça morta' ou um remanescente presente no *ser de balbuciar*, retroativamente ou no *après coup de su decir, que* significa-se na manifestação da constelação da sua verdade. O inconsciente é uma descoberta que se reproduz, através de resquícios de seus meio dizer a verdadeiro.

"Ela justifica a manutenção de uma posição conflictiva dentro da análise, uma posição necessária para a própria existência da análise." A posição conflitiva é o enigma, o mal-entendido necessário da doutrina psicanalítica, que não se conforma ao dogma, apesar das parcialidades conceituais inerentes aos chamados grupos, sociedades, instituições ou escolas.

Nossa análise propõe que consideremos a inclusão da pessoa na presença, uma vez que ela se refere tanto à máscara usada pelos membros do coro na Grécia Antiga quanto ao nada- *pessoa* que cada existente singular implica. A máscara do dizer do analista é determinada por sua posição contratransferencial por apoiar-se (*gegen*) em um significante para pensar, conforme Lacan o apresenta ao final de seu Seminário *O sinthoma* (11/05/1976).

Quais são alguns dos princípios da clínica que ele propõe? Um deles, apresentado em seu discurso sobre ética na Faculdade Católica de Saint Louis, em Bruxelas, é: "Cortar o amor é a regra da minha escuta". Cortar é a tradução de *'taire'* en quanto afia, poda, abstém-se de falar.

Isso se concretiza por meio de sua proposta no Seminário 24 L'*insu* ... (19 de abril de 1977) sustentando que a metáfora e a metonímia devem cumprir outra função, unindo estreitamente o som ao sentido, aquilo que ressoa e ecoa, ou seja, dando origem ao gozo fálico semiótico, como incluiu em seu Seminário 21 (11 de junho de 1974) Os-Nomes-do-Pai. Com isso, ele propõe que "superemos a criação de dois vertentes", característica do sujeito dividido, reduzido aos Nomes-do-Pai para sua significação. Na prática clínica, isso implica passar da interpretação própria da in-tradução, ao forzaje, própria do analista retórico (*retor*), que retoriza a inclinação das palavras do analisante, que ele inegavelmente ignora, como apresenta na primeira aula de seu Seminário 25 *Momento de concluir* (15/11/1977).

Que técnicas ele utiliza para tornar isso possível? No que diz respeito ao trabalho com o obsessivo - *zwang*, que devemos traduzir como compulsivo - ele propõe uma prática de "abster-se da dominância do olhar", uma observação notável para a direção da cura analítica. Ou seja, com a visão numérica e codificada que encobre a fantasma, transformando os sintomas em um nó de signos, ele propõe que deslizemos na travessia inconsciente da fantasma em direção ao real da pulsão, tratando os fonemas de uma língua como monemas. Ele propõe que nos movamos em direção a um efeito real de sentido que transcenda a existência de um único sentido, para a possibilidade de possuí-los todos.

Em sua entrevista em Lausanne, em 1973 (Entrevista a J. Lacan. Grandes Temas. Freud e a Psicanálise. Salvat. Barcelona), ele expressou sua crítica à tradução de *triebe* como um pulsão por pertencer a um vocabulário científico, em troca do qual ele diz preferir o francês *derive* como deriva, ou o *drive*

direção em inglês, porque pertence à linguagem cotidiana. E ele esclarece que tentará dar a essa noção uma expressão relevante na linguagem cotidiana. Ele já propõe isso ao afirmar que a chamará *lalange*- lalangue, então há tantas lalangues quantas pulsações. A montagem pulsional de *lalange* substitui a encuadre da psicanálise pós-freudiana, levando em consideração as arestas tetraédricas onde ele escreve as posições subjetivas do ser como amor, ódio e ignorância, já em seu Seminário 1 *Os escritos técnicos de Freud* (7/7/1954).

Em relação ao transtorno de conversão, Lacan nos ensina que, desde Freud, a histérica é sempre dupla. Portanto, ela sempre busca encontrar pelo menos um, mas não mais do um, *não mais do que um* que a autentique como, pelo menos, não totalmente fálica no gozo de sua paixão. Assim, o pai necessário é aquele que lhe garante que, tendo alguém que '*uniega*', como no-todo, o que é diferente de negar, assegura a existência de outros gozos além do fálico, que constituem sua feminilidade (Sem. 19: 14/671972). Isso deve ser entendido para além dos gêneros, uma vez que o masculino e o feminino não são significados unicamente a partir do real do organismo biológico.

Em conclusão, esta breve consideração da técnica psicanalítica revela sua fórmula: "Eu te demando que você recuse o que lhe ofereço porque não é isso". A busca pelo gozo perdido, ausente, é realizada na medida em que o gozo não é útil, pois não serve a nenhum propósito. Daí a medieval *potlatch* isso implica um certo grau de autorização para desfrutar daquilo que está quebrado, cortado, dividido ou encontrado para renovar a existência.

Da gozo sígnico pegajoso (*goce sígnico pegajoso*) do sintoma parental à gozo do a outra satisfação, existe um caminho a ser percorrido por cada pessoa. Até onde ele vai? Até um ponto de "Não quero saber nada sobre isso", ou "Não quero nada saber sobre isso", como Lacan coloca na primeira aula do Seminário *Encore* (21 de novembro de 1972), pois em nosso consultório falamos com as paredes para receber um eco, através do qual o gozo do analista possibilita o gozo do analisante. Se o sintoma é definido em seu Seminário RSI (18 de fevereiro de 1975) pela maneira como cada pessoa desfruta do inconsciente que a determina, as palavras sem memória levantam a questão da caducidade do Outro, ao remeter o Outro ao nosso corpo. No texto de Harari "O que a nossa psicanálise diz sobre o corpo?", publicado pela Mayéutica Editions em 2012, encontramos a diferença entre o próprio corpo, que ele chama de "corpalma", o real do corpo que é considerado pertencente

ao espírito no que é conveniente, o corpo simbólico e aberto das pulsões, e o corpo do imaginário dos sentidos, como o das tatuagens o el piercing.

Vamos concluir com uma nota sobre as satisfações do analista. A *lust* de Freud, traduzida como prazer, é na verdade uma observação do inventor da psicanálise, extraída da tradição epicurista, que significava o mínimo de gozo possível a ser sustentado ininterruptamente para evitar a afronta divina. Era, ensina Lacan, a última invenção do antigo mestre, sendo como porcos no chiqueiro (Seminário 21, 20/11/1973). Assim, o desejo do analista, entre sua presença e sua pessoa, mediados em seu decir, compartilha com seu analisa*nte o goce-lust*- sempre pulsionalmente sexualizado, com o *genuss* também sexual, de um gozo sublimado, como encontramos em 'O Mal-Estar na Cultura' de Freud, em 1930. Assim, diferenciamos o *Meta (Ziel)* do fin sexual pulsional erógeno, diferenciando-o do la sublimação com a mudança de fim e de objeto, de*l Zweck* do propósito pulsional também sexual (Seminário 14 A lógica do fantasma, 12/2/1967).Vale decir que não toda pulsión es sexual, mas sim que toda pulsión implica sexualidade.